



AValiação DA APRENDIZAGEM NO CURSO DE PEDAGOGIA: PERSPECTIVA DOS GRADUANDOS

Ludimila Gissele Farias da Trindade
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: ludimila_trindade@hotmail.com

Zizelda Lima Fernandes
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: zizafernandes@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Esta produção resulta de uma pesquisa proveniente de um Trabalho de Conclusão de Curso e tem por objetivo refletir sobre o processo avaliativo no curso de Pedagogia/noturno da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XII. Assim, partimos das seguintes questões: de que forma os graduandos do curso de Pedagogia concebem a avaliação? Qual é a prática mais comum de se realizar as avaliações no curso? Como se posicionam frente às avaliações realizadas em sala de aula?

O Curso de Pedagogia preconiza a formação de profissionais que irão atuar em espaços escolares. Portanto, é crucial que esses profissionais compreendam a avaliação como um dos componentes do ato pedagógico - planejar, executar e avaliar – (LUCKESI, 2011), isenta de neutralidade, com muitas faces, que está a serviço de um modelo de sociedade, afirma interesses, provoca mudanças, transforma (SOBRINHO, 2001). Evidentemente, a concepção de avaliação se encontra vinculada ao próprio conceito de educação e de sua referência no campo social.

Para Sordi (2010, p. 25), “Sem que a avaliação se reinvente não há como esperar alterações na formação”. Assim sendo, todos aqueles que se encontram envolvidos com a educação, direta ou indiretamente, precisam refletir suas bases teórico/práticas dando novos sentidos à práxis da avaliação. Por certo, refletir sobre a avaliação, sobretudo, para que os discentes possam se apropriar dos saberes de forma reflexiva e atribuir sentido e significado ao conhecimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Procuramos adotar uma metodologia de cunho qualitativo. Em tempo, definimos



como sujeitos da pesquisa os graduandos do 4º, 6º e 8º semestre do Curso de Pedagogia/noturno, Campus XII/UNEB. A opção por tais turmas se justifica pela maior receptividade e disponibilidade da turma. A escolha pelo curso e turno se deve às nossas vivências que se encontram mais próximas desse turno.

Inicialmente realizamos estudos bibliográficos que envolviam a relação ensino e aprendizagem e a avaliação da aprendizagem no curso superior. No decorrer, avançamos para uma análise documental em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9.394/96 e do Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia. Posteriormente, partimos para a pesquisa no campo – 45 questionários com questões referentes à avaliação da aprendizagem (4 questões fechadas e 2 questões abertas), aplicados junto aos 4º, 6º e 8º semestres¹.

Após essa etapa, iniciamos a efetiva análise e interpretação dos dados coletados, respeitando os critérios de uma pesquisa que se sustenta numa ética e na rigorosidade metódica. As reflexões feitas pelos graduandos, as ponderações em torno da arte de conciliar “estudo e trabalho” e a importância da universidade considerar essa realidade foram de grande relevância para o estudo, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concepções/percepções de avaliação na visão dos graduandos

O processo de coleta de dados nos possibilitou ficar frente a frente com os sujeitos da pesquisa e essa experiência foi muito significativa. Número relevante dos graduandos trata a avaliação com “olhar de desconfiança”, cheio de falhas². O avaliar, modo geral, não conta com a participação dos alunos na definição dos instrumentos avaliativos. Outro contratempo evidenciado pelos graduandos é que o maior empecilho para saírem bem nas avaliações provém de demandas externas, pois muitos deles trabalham dedicando bem pouco aos estudos. Além desses aspectos, alguns graduandos deixaram “escapar” que certos colegas se preocupam mais com as notas do que com o aprendizado, constituindo as chamadas “panelinhas de competição”.

¹ Os questionários foram aplicados diretamente na sala de aula, no decorrer do mês de junho de 2018. Inicialmente, conversamos com as turmas e apresentamos a nossa proposta de pesquisa e, em seguida solicitamos aos professores que concedessem 01 hora/ aula para que pudessemos aplicar os questionários.

² Apontaram a falta de compromisso de alguns professores em se assumirem como responsáveis pela formação dos “futuros professores” a ponto de não apresentarem uma metodologia de trabalho adequada para avaliar o aluno.



Ao serem perguntados sobre como compreendem a avaliação da aprendizagem no ensino superior, vimos que parte significativa dos graduandos ainda carrega marcas da avaliação tradicional nas experiências às quais foram submetidos tempos outrora, detendo uma visão sobre avaliação como forma, exclusiva, de verificação. Porém, em outros relatos, percebemos que esse conceito vem sendo problematizado. A avaliação é vista como facilitadora do processo de ensino aprendizagem, articulada com o envolvimento de todos na construção de mudanças e melhorias.

Ao serem questionados sobre como se sentem diante de uma avaliação, os discentes mostraram-se incomodados, revelando, sobretudo: tensão/ansiedade (46,15%) e insegurança (26,92%). Contudo, reconhecem que as avaliações devem ter o papel de contribuir para o seu aprendizado e formação acadêmica, enfatizando que é preciso aprofundar e contextualizar as discussões sobre a avaliação da aprendizagem.

O que os graduandos sugerem para as avaliações

Em suas manifestações, os graduandos apontam como importantes a se considerar no processo avaliativo os seguintes itens: variedades de instrumentos (53,06%), trabalhos em grupo (28,57%), provas abertas (10%), outros (8,16%). Às sugestões descritas na opção “outros” sugerem que sejam realizadas rodas de conversas e atividades interativas que envolvam os conhecimentos de mundo de todos os alunos propiciando a compreensão dos conteúdos e ainda, que todas as atividades realizadas na classe sejam avaliadas. Para Souza (2012) não é recomendado avaliar o aluno por um único instrumento cabe ao educador apresentar diferentes propostas de atividades além da prova. Essa prática permite avaliar o desempenho global dos alunos, assim como conhecer como se saem em outras propostas de trabalho.

Os graduandos apontam que o seminário é um dos instrumentos avaliativos mais utilizados pelos professores. Percebe-se, contudo, em suas respostas que, na maioria das vezes, esse procedimento é empregado de forma equivocada. Para Mendes (2005, p. 194), “O seminário deve acontecer a partir de um grupo de estudos em que se debate um ou mais temas apresentados por um ou vários alunos, sob a direção do professor”. Vimos que os graduandos dão preferência aos seminários e trabalhos em grupo. Assim, cabe ao professor discutir os critérios escolhidos, orientando o aluno como será avaliado e também o próprio processo de avaliação desenvolvido no espaço educacional.



Para melhorar a prática avaliativa no ensino superior os discentes elencam os debates, jogos, oficinas, produções de textos, resenhas críticas, resumos, roda de conversa; socialização como sugestão. Propõem, ainda, um pouco de cada coisa, pois há alunos que tem mais facilidade em provas outros em seminários; utilização de novos métodos, não somente os tradicionais e apresentações de trabalhos que valorizem a criatividade. Além de ter como finalidade a formação do futuro professor, a avaliação durante a graduação possibilita aos discentes a produção de conhecimentos e a ressignificação do seu próprio cotidiano.

Constata-se que para uma sólida aprendizagem se torna essencial privilegiar a participação e interação, assim como “a problematização, o debate, a exposição interativa- dialogada, a pesquisa, a experimentação, o trabalho de grupo, a construção de modelos, o estudo do meio, os seminários, os exercícios de aplicação, as aulinhas dadas por alunos, dentre outras tantas práticas” (MENDES, 2005, p. 184).

As avaliações e a prática do professor universitário

Embora reconheçam que tenham ocorrido avanços no desenvolvimento de metodologias e práticas avaliativas numa perspectiva formadora no curso de pedagogia, os graduandos realçam que nem todo professor usa a avaliação com a finalidade de formar cidadãos capazes de intervir criticamente na realidade para transformá-la, são poucos os que inovam em sua metodologia de trabalho.

Parte significativa dos graduandos adverte que os professores têm confundido o ato de avaliar com a possibilidade de medir a quantidade de conhecimentos adquiridos. Mendes (2005) defende que a mera transmissão do conteúdo e posteriormente a verificação do que foi aprendido pelo aluno deve ser superado pelo professor. Para a autora a avaliação resulta de “um processo contínuo, no qual observamos constantemente nossos alunos, acompanhando-os e ajudando-os em suas dificuldades, tanto a prova, quanto a nota e a reprovação perdem sua importância” (MENDES, 2005, p. 177). A nota precisa ser vista como consequência e não motivação para o estudo.

Os graduandos chegam a afirmar que grande parte dos professores não realiza reflexões/análises após as avaliações, sobretudo nos semestres com carga horária reduzida. Reconheceram, também, a importância do professor rever os erros, pois acreditam que dessa forma podem superar as dificuldades.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os graduandos do curso de Pedagogia/noturno evidenciam em suas “falas” a importância de os professores examinarem cuidadosamente a metodologia de trabalho e lançarem projetos que avancem para avaliações numa perspectiva de transformação. Apontam que a avaliação não deve ser vista como um fim em si mesma e/ou como um obstáculo tanto para o graduando quanto para o professor, mas como fundamental no processo ensino-aprendizagem.

A pesquisa nos possibilitou aproximar dos discentes e pensar naquilo que eles sinalizam. Confirmamos que a avaliação da aprendizagem precisa ser repensada pelos professores em sintonia com os discentes para que não seja tão tensa, e considere, sobretudo, as especificidades dos graduandos do curso noturno.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação da Aprendizagem; Pedagogia; Formação de Professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MENDES, Olenir Maria. Avaliação Formativa no ensino superior: reflexões e alternativas possíveis. In: VEIGA, I.P. A.; NAVES, M.L.P. **Currículo e avaliação na educação superior**. São Paulo: Junqueira & Marim, 2005.

SOBRINHO, José Dias. Avaliação técnica e ética. **Avaliação - Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 6, n. 3, 2001, p. 07 – 19.

SORDI, Mara Regina Lemes De. Por uma aprendizagem “maiúscula” da avaliação da aprendizagem. In: DALBEN, Ângela, LEAL, Leiva, SANTOS, Lucíola (orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 22 -35.

SOUZA, Ana Maria de Lima. Avaliação da aprendizagem no ensino superior: aspectos históricos. **Revista Exitus**, v. 02. n. 01. Jan/Jun. 2012.

UNEB – UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Guanambi-Bahia, 2016.